

DIÁLOGO DE SABERES NA RELAÇÃO JUVENTUDE-ESCOLA-COMUNIDADE: UM ENCONTRO DE GERAÇÕES COM A POÉTICA NARRATIVA DA MEMÓRIA

[\[ver artigo online\]](#)

Roberto Lima Sales¹

RESUMO

Este estudo objetivou compreender e evidenciar as potencialidades educacionais, relativas ao diálogo entre os saberes científicos e não-científicos, de um projeto de extensão que promove ações artístico-pedagógicas por meio do diálogo entre gerações, tendo a arte visual, a memória coletiva e a perspectiva da ecologia de saberes como mediadoras. Esse trabalho baseia-se nas fundamentações de Boaventura Santos (2007, 2010), em relação à sua perspectiva da "Ecologia dos Saberes", e na perspectiva dialógica da educação de Paulo Freire (1996, 2011a, 2011b). A relação entre narrativas poéticas e memória coletiva embasou-se nos estudos de Halbwachs (2004) e Walter Benjamin (1984, 1994, 1995). Esta pesquisa organizou-se a partir de um estudo exploratório de natureza qualitativa, adotando o estudo de caso como técnica de pesquisa. Definiu-se como lócus da pesquisa o espaço rural e como sujeitos investigados jovens estudantes que frequentam o ensino médio e uma família de agricultores familiares. Os resultados dessa pesquisa apontam que os estudantes participantes, quando foram envolvidos em diálogos com os sujeitos camponeses, mobilizaram diferentes saberes ligados a construção de processos coletivos e dialógicos que permitem relacionar diferentes formas de conhecimento escolares ou não-escolares. Constatou-se também que os discursos e as práticas dos estudantes manifestaram reflexões sobre a perspectiva da ecologia de saberes na intenção de aplicá-la em ações artístico-pedagógicas ocorridas ao longo da execução do projeto de extensão investigado.

Palavras-chave: Educação. Arte. Ecologia de Saberes. Poética Narrativa da Memória.

¹ Professor de Artes, Mestre em Educação, Campus Paraíso - Instituto Federal de Educação do Tocantins. Tocantins. betorls@ifto.edu.br



DIÁLOGO DEL CONOCIMIENTO EN LA RELACIÓN JUVENTUD- ESCUELA-COMUNIDAD: ENCUENTRO DE GENERACIONES CON LA NARRATIVA POÉTICA DE LA MEMORIA

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo comprender y resaltar las potencialidades educativas, relacionadas con el diálogo entre saberes científicos y no científicos, de un proyecto de extensión que promueve acciones artístico-pedagógicas a través del diálogo entre generaciones, teniendo el arte visual, la memoria colectiva y la perspectiva de la ecología de el conocimiento como mediadores. Este trabajo se basa en los fundamentos de Boaventura Santos (2007, 2010), en relación con su perspectiva sobre la "Ecología del conocimiento", y en la perspectiva dialógica de la educación de Paulo Freire (1996, 2011a, 2011b). La relación entre narrativas poéticas y memoria colectiva se basó en los estudios de Halbwachs (2004) y Walter Benjamin (1984, 1994, 1995). Esta investigación se organizó a partir de un estudio exploratorio de carácter cualitativo, adoptando el estudio de caso como técnica de investigación. El locus de la investigación se definió como el espacio rural, y se investigó a jóvenes estudiantes de la escuela secundaria y una familia de agricultores familiares. Los resultados de esta investigación indican que los estudiantes participantes, cuando estaban involucrados en diálogos con sujetos campesinos, movilizaron diferentes saberes vinculados a la construcción de procesos colectivos y dialógicos que permiten relacionar diferentes formas de conocimiento escolar o no escolar. También se encontró que los discursos y prácticas de los estudiantes manifestaron reflexiones sobre la perspectiva de la ecología del conocimiento con la intención de aplicarla en acciones artístico-pedagógicas ocurridas durante la ejecución del proyecto de extensión investigado.

Palabras chave: Educación. Arte. Ecología del conocimiento. Poética narrativa de la memoria.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo objetivou compreender e evidenciar as potencialidades educacionais, relativas ao diálogo entre os saberes científicos e não-científicos, de um projeto de extensão à comunidade, intitulado "Narrativas Visuais: a Vida como Obra de Arte", vinculado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO) - Campus Paraíso. O referido projeto promove ações artístico-pedagógicas por meio do diálogo entre gerações, tendo a arte visual, a memória coletiva e a perspectiva da ecologia de saberes como mediadoras. Diante deste objetivo, esse estudo organizou-se a partir de um estudo exploratório de natureza qualitativa, adotando o estudo de caso como técnica de pesquisa. Definiu-se como locus da pesquisa o espaço rural próximo a cidade de Paraíso do Tocantins. Selecionou-se, como participantes da pesquisa, jovens estudantes que frequentam o ensino médio e uma família de agricultores familiares.

Em relação ao Projeto de extensão "Narrativas Visuais: a Vida como Obra de Arte", vale destacar sua missão centrada em estabelecer redes de conexões entre a escola e a comunidade com fins de trabalhar um conjunto de ações que visam ampliar o ingresso da arte nas comunidades mais carentes. Tal projeto procura promover uma prática artístico-pedagógica de ensinar e de aprender por meio do diálogo entre os saberes escolares e não escolares, tendo como mediadores a arte visual, a memória coletiva e a perspectiva da ecologia de saberes. Nesta meta, procurou-se capacitar, estimular e provocar os jovens participantes a produzirem obras artísticas que dialogam com os saberes escolares e com os saberes da experiência de sua comunidade, com a memória coletiva, com o espaço urbano e rural e com o cotidiano.

A proposta do projeto consiste em envolver estudantes com o cotidiano da vida de sua comunidade, de forma a provocar esses jovens a estabelecerem uma maior interação e uma significativa troca de saberes e de experiências, para assim, ampliar suas percepções em relação a sua realidade local e de mundo, bem como ampliar suas competências e habilidades em relação à aprendizagem de artes, de história, de meio ambiente, de geografia, dentre outras disciplinas. Neste percurso, os estudantes procuram apropriar-se de narrativas orais das gerações mais velhas de sua comunidade, na intenção de promover leituras críticas de uma realidade histórica de uma dada comunidade e posteriormente materializar as memórias, os saberes e as histórias de vida em forma de obra de arte visual, que neste estudo compreendemos como narrativa visual.

Diante desta perspectiva, este estudo baseia-se na perspectiva dialógica da educação de Paulo Freire (1996, 2011a, 2011b) e nas fundamentações de Boaventura Santos (2007, 2010), em relação à sua perspectiva da "Ecologia dos Saberes", a qual se constitui em uma grande possibilidade para repensar e articular a relação entre os saberes científicos e os saberes não-científicos ligados à tradição.

O estudo da relação entre narrativas poéticas e memória coletiva embasou-se nas perspectivas de Halbwachs (2004), em relação a memória coletiva, e de Walter Benjamin (1984, 1994, 1995), à luz da sua concepção de que a memória constitui-se de um passado atualizado como experiência e como sabedoria, tendo a narrativa e a poética como mediadoras.

2. EDUCAÇÃO, ARTE NARRATIVA, MEMÓRIA E ECOLOGIA DE SABERES

Perante a realidade contemporânea do mundo capitalista, contata-se que muitos saberes hegemônicos, com todo o seu viés cientista e mercadológico, abafam os múltiplos, diferentes e ricos saberes populares, oriundos das experiências de vida e de grande valia para a sociedade. Temos assim os diversos saberes da experiência sendo menosprezados e descartados pela indústria do consumo. São experiências e saberes construídos e compartilhados entre gerações, uma rede de conhecimento que se estruturou e se desenvolveu por meio da cultura popular, da tradição e das práticas sociais.

Sob esta perspectiva, Freire (1996) afirma que "o conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui na relação homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações" (p.42). Paulo Freire (1996, 2011a, 2011b) defende uma proposta de pedagogia libertadora que assume o sujeito como protagonista de sua própria história e de sua emancipação, na medida em que a educação torna-se problematizadora ao ponto de romper os obstáculos que impedem os sujeitos oprimidos de compreenderem sua realidade vivida e de se libertarem. Segundo Freire (2011b), a superação dessa situação se faz pela conscientização histórica do sujeito, o qual torna-se capaz de reconhecer e ampliar sua existência histórica, estabelecendo, dessa forma, uma relação dialógica com o outro e com o mundo. Sob esta ótica freiriana, compreende-se que a verdadeira natureza do saber requer o protagonismo do sujeito, exigindo que este tenha "voz e vez na sociedade", que deixe de ser visto e tratado como um objeto para tornar-se um autor e ator de sua própria história e projeto de vida.

Em consonância com a perspectiva pedagógica libertadora e dialógica de Freire (2011a, 2011b), temos as perspectivas de Walter Benjamin (1984, 1994, 1995) que propõe o repensar crítico de valores ideológicos de forma a revisitar nossas memórias e resgatar do esquecimento os valores que podem fazer de nossa história outra história capaz de nos levar ao encontro com nossas verdades. Este filósofo tece essas reflexões ao mesmo tempo em que propõe um novo caminho para a reconstrução da história por meio de uma narrativa "a contrapelo", do ponto de vista dos vencidos e em oposição à ideologia do vencedor. Ele busca outra relação entre passado e presente, que rompe com a história linear. Para isso propõe outra interpretação da história em contraposição à leitura contemplativa do passado, para que se possa compreender o passado como um vínculo entre cidadãos que se conectam

por gerações, ou seja, um passado que se atualiza como experiência no "agora", que se apresenta como memória evocada, uma espécie de palimpsesto no qual se inscreve as marcas de escritas anteriores.

Benjamin (1994, 1995) (com destaque para seu ensaio "O Narrador" – Benjamin (1984)) compreendeu que a sociedade está perdendo sua capacidade de ensinar valores morais por meio do intercâmbio de experiências. Os indivíduos tornam-se cada vez mais alheios aos seus valores tradicionais, ao ponto de substituí-los por relações comerciais e por bens materiais. E, assim, os cidadãos mais antigos não encontram mais espaços e oportunidades para contar as histórias dos seus feitos e, dessa forma, transmitir seus conselhos, suas experiências e seus ensinamentos às novas gerações. Diante desta problemática, Benjamin (1984, 1994, 1995) adota o espaço urbano como cenário para refletir e apontar caminhos para a recuperação dos sentidos na modernidade. Em sua compreensão, o espaço urbano é o lugar de entrecruzamento entre a fluidez e a rapidez, entre as tradições e as culturas, onde o sujeito pode assumir o protagonismo de sua vida. Para isso, Benjamin concebe a narrativa como um ato de "narrar o tempo", de forma a explorar um tempo denso e descontínuo de uma historicidade que não pertence ao tempo homogêneo e vazio. E para isso, é imprescindível o intercâmbio entre os tempos e espaços do narrador e seus ouvintes, de modo a entrelaçar vidas a partir de conexões entre passado, presente e futuro. E dessa forma, Benjamin (1984, 1994) procura unir o poder da narrativa ao potencial crítico da arte. Ele sugere a politização da arte como forma de contribuir para formação de uma consciência revolucionária e para a elaboração de novas realidades. Este filósofo afirma que a arte pode cristalizar o tempo de forma não-linear e desvinculá-lo do poder do capital para assim confrontar o passado oprimido e ressignificá-lo em um presente inovador e um futuro onde seja possível formar uma sociedade mais humana, solidária e livre.

Vale ressaltar que o processo de criação das narrativas visuais do projeto de extensão "Narrativas Visuais", proposto como estudo de caso nesse pré-projeto de pesquisa, foi fundamentado pelo método da montagem de Walter Benjamin (1984, 1994, 1995), que, segundo o qual, toma-se como base as técnicas de bricolagem das vanguardas artísticas, das primeiras décadas do século XX, para propor uma nova forma de narrar por meio de fragmentos de imagens que transitam entre memórias, realidade e imaginário, justapondo tempos e espaços para produzir novas experiências e percepções críticas da sociedade. Sob essa perspectiva, o tempo pode ser lido por meio de montagens e de imagens não-lineares e não-cronológicas. Neste aspecto, a arte apresenta-se como recurso potente para relemos o tempo e vislumbrarmos modelos alternativos, capazes de romper com a representação progressivo-linear que captura e domina o sujeito na homogeneidade espaço-temporal. Diante do exposto, entende-se que no método da montagem de Benjamin deve prevalecer a coexistência de temporalidades que se traduzem como a correlação de modos de experimentar e viver o mundo.

Em virtude dos fatos até aqui mencionados, percebe-se a importância do papel da memória na construção e na afirmação das identidades coletivas e no poder de influenciar a recuperação de valores tradicionais, morais, humanos e afetivos de uma comunidade. Nesse aspecto, compreende-se a importância de tecermos uma breve reflexão sobre a concepção de memória. Conforme Halbwachs (2004), pensamos por associação, nossa memória não é construída individualmente. Em nossa mente funciona uma rede de pensamentos, que interligam as lembranças, que se entrecruzam e que são recuperados de acordo com as ideologias e o entorno social em que o indivíduo está inserido no momento em que precisa recuperar alguma informação. As lembranças, portanto, não são formadas individualmente, visto que é “impossível conceber o problema da evocação e da localização das lembranças se não tomarmos para ponto de aplicação os quadros sociais reais que servem de ponto de referência nesta reconstrução que chamamos de memória” (HALBWACHS, 2004, p. 10). As lembranças de um indivíduo sempre estão ligadas a uma relação com o seu grupo social, não existem fora dele (HALBWACHS, 2004).

Para Halbwachs (2004), a memória individual seria um ponto de vista sobre a memória coletiva, este ponto de vista varia de acordo com as relações que cada indivíduo estabelece com os outros e com os meios. Somos inspirados por outros indivíduos, por outros grupos, por jornais, revistas, entre outros. Logo, o artista pode apreender sua produção não somente pela escala estética, mas também pela escala social, espacial e histórica, por via de uma autoria coletiva. Sob essa ótica, Benjamin (1984, 1994, 1995) procura reconduzir a memória ao seu lugar, o da formação humana. Para isso, ele destaca a memória no mesmo patamar que a experiência autêntica, juntamente com o tempo histórico e a narração. Em suas obras (especialmente no ensaio “Experiência e pobreza” - Benjamin (1994)), ele parte de reflexões que enfatizam que a faculdade da memória está fundamentada no compartilhamento intersubjetivo de experiências autênticas, sendo fundamental para isso a aliança com a imaginação e com a arte para apropriar-se das histórias que são construídas no interior de uma comunidade. Logo, a memória que buscamos nesse estudo faz-se na articulação e na tensão entre o individual e o coletivo, entre a tradição e as novas gerações, ambos inter-relacionados e se retroalimentando. Trata-se de vislumbrar uma possibilidade de reelaboração de uma poética da memória, ou seja, procurar impulsionar o sensível que está na memória, colaborando para a construção de uma narrativa afetiva e educativa de vidas.

Em relação a "Ecologia de Saberes", de Boaventura Santos (2007, 2010), reforça-se que tal perspectiva explora questões cruciais em relação aos fundamentos do nosso modo de vida, das nossas visões de mundo e do paradigma científico. Parte-se de uma perspectiva ecológica para refletir sobre a relação do sujeito consigo mesmo, com o outro, com as gerações futuras e com a teia da vida. A

ecologia dos saberes é "um conjunto de epistemologias que partem da possibilidade da diversidade e da globalização contra-hegemônica e pretendem contribuir para credibilizar e fortalecer outras formas de conhecimento desenvolvidas ao longo da existência humana" (SANTOS, 2010, p.154).

Segundo Boaventura Santos (2007), é essencial que a ciência participe de uma ecologia aberta a todos os saberes onde exista o diálogo entre saberes científicos e o saber popular. Neste estudo, entende-se que a lente da "Ecologia dos Saberes" pode facilitar a compreensão dos modos de vida e visões de mundo das comunidades investigadas. Sob esta ótica, trilhou-se nesta pesquisa sempre buscando estabelecer diálogos entre o mundo biológico e antropológico para assim alcançar uma compreensão mais ecológica da relação homem-natureza. A questão é superar a visão dicotômica entre natureza e ser humano, eis aí um possível caminho para conectarmos os saberes populares aos saberes dos estudantes, dos professores e da escola. Logo, esta pesquisa parte do entendimento de que os saberes tradicionais são essenciais e potenciais para educar com emoção, com arte, com memória e com sustentabilidade.

Nesta pesquisa, investigamos e promovemos diálogos entre a escola, os seus estudantes e membros de uma comunidade de agricultores familiares. O espaço e os modos de ser e fazer dos agricultores familiares participantes deste estudo foram compreendidos como campo fértil de conhecimento em sintonia com a perspectiva da memória coletiva e da ecologia dos saberes, ao passo que parte de uma agricultura de base ecológica que respeita aspectos da tradição, da cultura de um povo em harmonia com as práticas sociais e com a natureza. Reforça-se também que as famílias de agricultores investigadas nesta pesquisa continuam resistindo às pressões do progresso, especialmente a partir da modernização da agricultura.

Com o passar das décadas, o Cerrado, sua cultura e seu povo vêm se extinguindo, gerando o chamado "epistemicídio" que, segundo Santos (2010), é o conceito com que se designa a descredibilização das epistemologias alternativas em detrimento do conhecimento científico. Nesta ótica, a Ecologia dos Saberes procura reverter o processo de epistemicídio, partindo do entendimento de que não necessitamos de um conhecimento novo, mais sim de uma nova forma de produzir conhecimento. No caso dessa pesquisa, constatamos que ocorre um grande desperdício da experiência de séculos de acumulações de saberes e da produção de um modo de vida ligado aos saberes da tradição e ao seu modo sustentável de vivências. Isto é uma consequência de uma crescente modernização da agricultura. Logo, os saberes da experiência do agricultor familiar não são reconhecidos e valorizados pelas ciências.

Sob a ótica da arte, enquanto narrativas visuais, da memória coletiva e da ecologia de saberes, este estudo investigou as potencialidades educativas do projeto de extensão "Narrativas Visuais: a

Vida como Obra de Arte", o qual buscou educar o estudante para a vida, ao passo em que este reeduca sua própria percepção na relação com o outro. O desafio é desenvolver metodologias que façam com que escola eduque a emoção e a memória no sentido de formar estudantes capazes de respeitar, amar e preservar a si mesmo, ao outro e ao planeta. Esta pesquisa parte do entendimento de que os saberes tradicionais são essenciais e potenciais para educar para e pela sensibilidade, para e pela memória, para e pela sustentabilidade.

3. METODOLOGIA

Optou-se pela pesquisa de natureza qualitativa, tendo o estudo de caso como técnica de pesquisa. Gil (2008) afirma que o estudo de caso procura explicitar melhor a complexidade de um problema, e utiliza para isto métodos específicos e versáteis. Para a análise dos dados foi mantido um intenso diálogo com a perspectiva de Boaventura Santos (2007, 2010).

Selecionou-se como público alvo 05 (cinco) jovens estudantes do Curso de Ensino Médio integrado ao Ensino Técnico em Meio Ambiente, do IFTO - Campus Paraíso. Também participaram desse estudo, um casal, membros de uma família de agricultores familiares, oriundos de um pequeno sítio, localizada no município de Paraíso do Tocantins - TO. Vale ressaltar que foram atribuídos nomes fictícios a todos os participantes da pesquisa para preservar suas identidades.

Definiu-se como campo empírico a instituição de ensino IFTO - Campus Paraíso e também o sítio de propriedade do casal agricultores participantes desta pesquisa.

Para a coleta de dados definiu-se instrumentos que atendessem ao contexto da pesquisa. Dessa forma, optou-se por instrumentos menos estruturados, que fossem capazes de preservar o contexto natural do campo de pesquisa, levando em conta o espaço sócio-histórico e evitando eventos artificiais, além de valorizar as relações intersubjetivas pesquisador-pesquisado. Nesse contexto, elegeu-se os instrumentos diário de campo e roda de conversa. Os dados investigados foram obtidos a partir dos enunciados extraídos de interações em oficinas artísticas, em rodas de conversas e em demais práticas da pesquisa de campo. As produções artístico-visuais e as narrativas textuais, orais e visuais por elas evocadas também constituíram-se como fontes para a investigação.

Em relação ao trabalho de campo, procurou-se sensibilizar os educandos a estabelecerem uma ponte entre a realidade escolar e a comunitária, tornando a arte, a história e o meio ambiente mais próxima de suas realidades, por meio do conhecimento e da valorização da memória e da herança cultural e dos saberes locais dos moradores mais velhos.

Para a análise dessa proposta realizamos uma prática pedagógica de produção, compartilhamento e troca de narrativas imagéticas e orais, que se estruturou na promoção e validação

de 02 oficinas, com duração de 08 horas. Onde, 05 (cinco) estudantes foram capacitados em produções fotográficas, em desenhos e em pinturas com ênfase em montagens e bricolagens, bem como em operar o software de edição de imagens. Além disso, os estudantes também participaram de oficinas teórico-práticas que abordaram a relação entre arte, memória e espaço meio ambiente, à luz dos principais teóricos desse estudo.

Com esta meta, o estudo se organizou nas seguintes etapas:

1. capacitação dos estudantes participantes e o envolvimento destes em estudos e reflexões sobre a perspectiva teórica que fundamentou o projeto de extensão;
2. promoção de encontros entre os estudantes participantes e a comunidade de agricultores familiares, em especial o casal de camponeses, no intuito de fortalecer o elo afetivo e buscar desvelar memórias individuais e coletivas, modos de vida e os saberes da experiência;
3. realização de outras interações
4. realização de uma oficina para os estudantes no intuito de promover: a sistematização das experiências adquiridas nesta convivência com os camponeses, a definição dos temas e das categorias, e o planejamento da produção das narrativas visuais;
5. participação dos estudantes em estudos e debates de forma presencial ou via ferramentas virtuais (redes sociais, fóruns e chats);
6. envolvimento dos estudantes na elaboração de ideias, de estratégias e da produção coletiva de narrativas visuais;
7. envolvimento dos estudantes na leitura crítica e a resignificação das obras elaboradas, no compartilhamento e na exposição destas obras para a comunidade;
8. análise de impacto da experiência pedagógica do projeto por parte dos estudantes e dos membros da comunidade envolvidos.

Com a necessidade de aprofundar a pesquisa, realizou-se, junto aos estudantes participantes, um intenso acompanhamento do cotidiano dos camponeses. Foram realizados registros, análises, sistematizações e reflexões sobre o processo formador das ações resultantes da interação entre estudantes e camponeses e seus desdobramentos.

Durante as atividades da pesquisa de campo, investigou-se os modos de vida ancestral dos camponeses participantes da pesquisa, registrando as recorrências com relação aos seus saberes e experiências ligados à tradição do cultivo da terra, dos ciclos da chuva e da lua, dos costumes alimentares e dos eventos festivos. O trabalho coletivo na fazenda tornou-se o campo de estudo do modo de convivência dos agricultores familiares. Isto serviu de base para repensar e praticar os

saberes não-científicos e a memória coletiva em sala de aula como elementos essenciais aos processos de ensino-aprendizagem e relacionamentos sociais em geral.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a análise que se segue, escolhemos investigar uma das obras visuais produzidas pelos estudantes-artistas participantes dessa pesquisa. Assim, apresentamos a obra "Saberes colhidos no campo da memória sertaneja", de autoria dos estudantes Michael, Naty, Pedro e Ana.

Figura 01 - Narrativa visual "Saberes colhidos no campo da memória sertaneja" (2019)



Fonte: acervo do projeto "Narrativas Visuais: a Vida como Obra de Arte" (2019).

Para a análise que se segue, escolhemos investigar uma das obras visuais produzidas pelos estudantes-artistas participantes dessa pesquisa. Assim, apresentamos a obra "Saberes colhidos no campo da memória sertaneja", de autoria dos estudantes Michael, Naty, Pedro e Ana.

Os referidos autores dessa narrativa visual (figura 01) relatam que a produção dessa obra foi inspirada nas histórias que a família de camponeses lhes contou sobre suas vivências no espaço-tempo do sítio e da roça. Essa obra visual foi produzida pelos próprios estudantes-artistas a partir da montagem de desenhos feitos de forma manual e digital, os quais foram recortados e colados no plano visual. A obra também contém recortes imagéticos das obras "Café" (de autoria de Portinari (1934)),

obra “Caipira Picando Fumo” (de autoria de Almeida Junior (1893)) e a obra “Paisagem com Touro”, (de autoria de Tarsila do Amaral (1925)).

Nessa narrativa visual (figura 1), temos a representação das histórias de vida do casal de agricultores, Seu José e Dona Liana, os quais narraram as passagens em que, quando criança, já trabalhavam na roça e conviviam com o encanto das belezas do sítio, o qual pertence à sua família há mais de um século, motivo pelo qual sua família acumulou diversas experiências e saberes sobre o ciclo de plantio naquela região do cerrado. Segundo Dona Liana, todas essas experiências e saberes acumulados foram transmitidos de geração em geração, por meio de uma cultura oral, ou seja, transmitida na vivência, na prática e no cotidiano. A forte relação que sua família estabeleceu com a cultura do campo e com as técnicas artesanais da agricultura familiar se dá por meio da observação das fases da lua, do tempo das chuvas e da seca, para assim determinar o período de cultivo da terra e da colheita. Este processo de cultivo do alimento é realizado por meio das "roças de toco"² como reza a tradição sertaneja desta família.

Enfim, foi nessas histórias de vidas que esse casal de camponeses narraram como conseguiram desenvolver seus saberes e habilidades, ou seja, aprenderam em meio a um contexto marcado por aspectos cognitivos, afetivos e emocionais em pleno diálogo com a família e com a natureza. Eles foram capazes de produzir, de forma coletiva, tecnologias rústicas, artesanais, simples, eficazes e sustentáveis, para serem utilizadas na agricultura familiar.

Neste contexto, tomando como base as observações do cotidiano do trabalho desse casal de camponeses investigados, bem como em seus relatos, constatou-se que a sustentabilidade praticada por estes implica em fazer uso de práticas de manejo que conservam a água, o solo e a biodiversidade. Suas técnicas substituem às práticas de manejo convencionais por processos biológicos no manejo, e procuram fazer bom uso da água e reduzir os insumos externos, principalmente os agrotóxicos. Dentre as técnicas desenvolvidas para o controle de organismos em hortaliças (em detrimento ao uso de inseticidas industriais) encontram-se a utilização de extratos e caldas misturados a partes de plantas. Suas práticas e tecnologias são produzidas em profunda sintonia com a realidade vivida pelos agricultores familiares e geram soluções inovadoras associadas ao coletivo, tendo como um dos resultados a inclusão social e a melhoria da qualidade de vida da comunidade. Eis a forma como os camponeses se formam por meio das experiências de vida, visto que buscam promover aprendizagens

² O processo de cultivo denominado roça-de-toco constitui uma tradição milenar da maioria das populações indígenas, sendo assimilada pelas populações remanescentes de processos de colonização (ADAMS, 2000; OLIVEIRA, 2002). Consiste no processo de derrubada e queima do cerrado, seguindo-se por três anos de cultivo. Após, faz-se um período de repouso para restauração do solo e da vegetação.

coletivas, sempre na relação de um sujeito com o outro, de um sujeito com o seu mundo, nunca se restringindo a um processo individualizado.

O processo de construção de saberes do referido casal de camponeses se constitui na perspectiva do conhecimento prático e contextualizado, problematizado. Um processo libertador e emancipatório que vai além da ação de transferir ou depositar conhecimento, segundo a concepção de Freire em relação à educação bancária. Nesse sentido, reafirma-se as palavras de Freire (1966) quando afirma que "ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens educam entre si, mediatizados pelo mundo" (p. 95). Nesta perspectiva, constatou-se que os camponeses desenvolvem uma pedagogia informal própria que adota a espiritualidade, a democracia e a natureza como centro de tudo. Essa pedagogia dos camponeses revela-se como a pedagogia da Ecologia de Saberes, defendida por Boaventura Santos (2010), que vai além da pedagogia tradicional e formal, com todo o seu tecnicismo rigoroso, centrado na neutralidade científica. Pois, os camponeses investigados nesta pesquisa lutam pela sobrevivência das suas identidades locais, valorizam a vida no campo como um mecanismo de manutenção, conservação e intercâmbio de saberes, de experiências, da tradição, da cultura do homem do campo, de forma sustentável, numa perspectiva da Ecologia dos Saberes de Boaventura Santos (2007, 2010).

Esse casal de camponeses, bem como a comunidade de agricultores familiares a qual pertencem, constitui um exemplo de como viver no Cerrado por meio de uma ocupação humana sustentável. Uma espécie de vivência humana em simbiose positiva com a natureza. Também é um exemplo de como viver no Cerrado mantendo sua liberdade, independência e identidade. E mesmo sendo abafados pelos processos de urbanização, estes saberes e experiências do sertão muito nos ensinam, especialmente com relação às ações sustentáveis do cotidiano. Os agricultores familiares carregam os traços da tradição em seus gestos, em suas condutas, em seus valores e na forma como realizam suas atividades laborais.

Portanto, constitui-se assim a cultura sustentável camponesa desse casal, que pela/na prática constrói saberes e os valida, sempre no intuito de aprimorar habilidades, técnicas e ações que atendam as suas necessidades e respeitam a biodiversidade. Neste sentido, segundo Boaventura Santos (2010), a construção do saber não se restringe apenas a ação do homem sobre a natureza, mas também na ação social e histórica, a partir do reconhecimento do sujeito como cidadão protagonista.

A narrativa visual (figura 1) também procura representar a sede e o quintal do sítio de Dona Liana e Seu José, espaço repleto de mangueiras e de animais domésticos, de hortas verdejantes e lindos pomares carregados de passarinhos e de variadas e coloridas flores e frutos. Toda a vida que brota e circula naquele espaço nos ensinou sobre a vida saudável e equilibrada que nasce naquela terra.

Caminhamos naquele espaço do quintal procurando desenvolver a habilidade e a sensibilidade desses camponeses em sentir e fazer fluir a vida em cada cheiro, sons, sabores e cores que perpassavam naquele espaço encantado.

Diante das histórias expressas pela obra visual "Saberes colhidos no campo da memória sertaneja", enfatiza-se o fato desta obra de arte ter incorporado as múltiplas vozes e memórias de mestres camponeses, guardiões de memórias, representantes do povo de sua comunidade para que, assim, possam ser ecoadas as diversas histórias de vida, em meio à dicotomia entre a história dos dominantes e a história dos dominados. Nesse sentido, à luz da perspectiva de Benjamin (1984, 1994, 1995) e Freire (2011a, 2011b), seguiu-se na construção de outra história, que não se constitui apenas por fatos, mas que se forma também por cidadãos capazes de escrever sua própria história.

Nesse sentido, a referida obra visual é uma amostra de um conjunto de obras visuais, elaboradas pelos estudantes participantes, que se constituíram como narrativas visuais repletas de vozes que revelam as diversas histórias e fragmentos de memórias, de tempos e de espaços distintos, que residem em cada sujeito. As muitas "roças" e "sítio" do imaginário coletivo se concretizaram em narrativas visuais e orais que procuram subverter a lógica capital e globalizante, para assim questionar e colocar em debate a forma como os espaços sociais estão sendo desapropriados dos valores identitários, artesanais, geracionais, tradicionais, sustentáveis, históricos e culturais.

Em outro aspecto, percebe-se, na obra visual, elementos visuais e personagens que nos reportam para o ambiente da roça e do sítio como sendo espaços para além de sua função-fim, constituindo-se como espaços de histórias vivas, de memórias, de brincadeiras, de aconchego, de sabores e de saberes de uma comunidade camponesa portadora de sentimentos de afetividade e de pertencimento para com o lugar e o seu povo. Tais memórias foram evocadas por meio das lembranças do tempo de infância, lembranças estas que se constituíram num trabalho de autoria coletiva que se processou na interação dialógica, na troca de narrativas e no entrelaçamento de sentidos. Neste processo, pensamentos foram conectados, lembranças foram relacionadas e recuperadas de acordo com o contexto e com a interação interpessoal, e assim percebemos que as lembranças não são formadas individualmente, dependem da interação com lembranças alheias (HALBWACHS, 2004). É neste sentido que a imagem, enquanto instância da interação social, "revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica" (LE GOOF, 2003, p. 466).

Percebe-se que a obra converte-se em poética e narrativa que procura dar um novo significado as histórias dos agricultores familiares e aos seus modos de ser e de fazer, repletos de memória

coletiva evocadas, percebidas e materializadas, oral e plasticamente, no agora, como espaços repleto de saberes, experiências, tradições e culturas sustentáveis.

Contudo, diante dos sentidos que os jovens estudantes expressaram em suas narrativas orais e visuais em relação aos modos de produção de memórias, de saberes e a forma como as experiências foram adquiridas nesta pesquisa, destaca-se como o encontro de gerações com a poética da memória (que neste estudo processou-se por meio do diálogo com a vida e a convivência entre jovens estudantes da cidade e o homem do campo) podem reorientar nosso olhar para uma educação voltada para a construção de uma cultura da vida, da convivência harmônica entre os sujeitos e entre estes e a natureza, como defende Santos (2007, 2010). Nas experiências vivenciadas no projeto de extensão, evidenciou-se os laços entre saberes, experiências e memória coletiva, no objetivo de impulsionar dinâmicas sociais por meio de abordagens colaborativas e críticas, numa relação entre global e local, entre saberes científicos e não-científicos. Desse modo, reconheceu-se e valorizou-se a diversidade de modos de aprendizagem e de construção de saberes que se processam na relação com o outro e que são eminentemente contextuais e culturalmente determinados.

Portanto, evidencia-se a relevância de um processo ensino-aprendizagem que se faça contextualizado e interdisciplinar, em meio à autoria coletiva dos seus protagonistas (estudantes, professores e comunidade), os quais possam encontrar na obra de arte e no espaço escolar/comunitário a oportunidade de incorporar os seus múltiplos olhares e significados que celebra a sensibilidade da memória tal como ela se encontra, como um mosaico construído por muitos autores, no qual diferentes sentidos, lembranças, saberes, experiências e vivências têm o seu espaço e a sua importância.

5. CONCLUSÃO

Esta investigação procurou destacar outro viés do processo de formação de saberes influenciado pelo imaginário do sertão. O campo de pesquisa voltou-se para o contexto dos mestres camponeses do cerrado tocantinense, com seus saberes, suas tradições e histórias. E nesta vivência-experiência, foi preciso voltar os olhos para o mundo dos saberes colocados à margem e para si mesmo, a fim de redescobrir-se e resgatar a harmonia que devemos estabelecer com o outro, com a natureza e com o mundo.

Esta pesquisa buscou resgatar o tempo histórico em que a vida não é medida pelo avanço do progresso tecnológico e financeiro. Buscou-se também compreender dinâmicas de ensino e aprendizagem que embasam o processo de formação do sertanejo, tais como a oralidade, a tradição, a memória, a história, dentre outros processos de formação que se constituem entre o intercâmbio de experiência e saberes entre gerações. Sendo um processo rico em sabedoria e que se apresenta como uma formação para a vida.

Durante a pesquisa, os intercâmbios realizados entre os atores sociais (estudantes e sertanejos) promoveram reflexões, questionamentos e minuciosos debates. Dessa forma, surgiram novos saberes criados a partir do diálogo com outros saberes e experiências. Os diálogos, intercâmbios e práticas promovidos pela pesquisa permitiram explorar de maneira ampla os saberes, experiências e habilidades dos agricultores e estudantes participantes. As várias narrativas e visões dos participantes geraram ricas trocas de saberes em relação à realidade dos camponeses participantes. Assim, os intercâmbios e a troca de saberes realizados na pesquisa de campo formaram um espaço diverso de saberes, experiências e compartilhamento que por final foram materializados plasticamente em forma de obras visuais.

Nesse sentido, os resultados da investigação dos potenciais educativos imbricados no projeto de extensão supra-analisado constataram apontam para um modo de educar que se revelou rico em interdisciplinaridade e em práticas de diálogo entre saberes, de forma, que priorizou e conectou as diversas dimensões da relação entre os sujeitos participantes e seus vínculos entre biodiversidade e cultura. Como pode ser constatada nos estudos de campo desta pesquisa, esta prática pode gerar posturas colaborativas de forma que ocorra uma troca mútua entre as comunidades locais e as instituições de ensino e pesquisa, contribuindo para a solução de problemas sociais. Os conhecimentos científicos podem ajudar a resolver problemas locais, assim como os saberes locais podem contribuir com o avanço da ciência.

Eis a emergência, a necessidade de promover a (re)construção das instituições de ensino como um espaço público capaz de envolver a comunidade como ator-coletivo na produção do conhecimento

com sentido sócio-cultural e integrado. Dessa maneira, a escola mergulharia num movimento cultural onde a gestão democrática e a busca do diálogo com a comunidade e com os saberes transformar-se-ia num meio no qual os conteúdos teórico-práticos e pedagogias iriam se iluminar, num processo de permanente construção e reconstrução. Essa perspectiva de uma pedagogia em sintonia com a Ecologia de Saberes relaciona-se a formação do sujeito autônomo e sócio-histórico, capaz de atuar como protagonista em um processo social de emancipação coletiva. E para tanto, seus próprios saberes são associados ao mundo das técnicas e experiências, provocando dessa forma um diálogo em torno de uma nova perspectiva de saber.

Porém, enquanto os saberes não-científicos, a exemplo os saberes dos camponeses participantes desta pesquisa, forem tidos como saberes menores, não haverá diálogo entre os múltiplos saberes. Não haverá ecologia de saberes. Neste caso, destaca-se Boaventura Santos (2007, 2010), quando reafirma que o processo de aprendizagem e construção de saberes se constitui em meio a ações de comunhão e as influências, hábitos, experiências e práticas herdadas da família, da cultura, do meio social e de outros processos de formação que promovem uma aprendizagem coletiva, dialógica e alteritária. Trata-se de um processo educacional que se constitui no meio cultural e torna-se capaz de combater a violência epistemológica que promove o desperdício de grande parte dos saberes que a humanidade tem criado.

Esta perspectiva de educação é defendida por Boaventura Santos como uma espécie de práxis transformadora e política capaz de evidenciar e intensificar a compreensão e a aceitação coletiva das responsabilidades de um sujeito para com o outro e com o seu meio. Numa nova forma de relacionar-se, ser e estar no planeta, incorporando sentidos as práticas cotidianas e sociais e as produções de saberes e experiências. E essa mudança de paradigma compreende não somente o envolvimento científico, mas político, que fomente a abertura às múltiplas formas de compreensão do meio natural como fonte potencial de inovação da ciência que prioriza a manutenção da vida, o equilíbrio e a conservação da biodiversidade do planeta.

Portanto, compreende-se que os resultados desta pesquisa poderão contribuir com outras investigações científicas que procuram explorar o diálogo entre as diversas formas de saberes. Por sua vez, a soma dos resultados das pesquisas na área da ecologia de saberes pode vir a contribuir na adequação de políticas públicas que reconhecem e valorizam os saberes que emergem do processo de diálogo entre saberes populares e científicos.

REFERÊNCIAS

ADAMS, C. **Caiçaras na Mata Atlântica: pesquisa científica versus planejamento e gestão ambiental**. São Paulo: Amablume/FAPESP, 2000.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

_____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1. (Obras Escolhidas I)

_____. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Obras Escolhidas II)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 40 ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como prática para a liberdade**. 14 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2011a.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 50 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2011b.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Unicamp, 2003.

OLIVEIRA, R. R. **Ação antrópica e resultantes sobre a estrutura e composição da Mata Atlântica na Ilha Grande**. RJ. Rodriguésia, v.53, n.82, p.33-58, 2002.

SANTOS, B. S. **A Ecologia de Saberes**. In: SANTOS, B. S. A gramática do tempo para uma nova cultura política. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. Novos estudos-CEBRAP, n. 79, p. 71-94, 2007.